Espera e imobilidade: agenciamentos cotidianos no espaço pandêmico transnacional

Waiting and immobility: daily agencies in the transnational pandemic space

Eugenia Brage

Edição electrónica

URL: <http://journals.openedition.org/pontourbe/9857>

DOI: 10.4000/pontourbe.9857

ISSN: 1981-3341

Editora

Núcleo de Antropologia Urbana da Universidade de São Paulo

Refêrencia eletrónica

Eugenia Brage, « Espera e imobilidade: agenciamentos cotidianos no espaço pandêmico transnacional », *Ponto Urbe* [Online], 27 | 2020, posto online no dia 28 dezembro 2020, consultado o 30 dezembro 2020. URL : <http://journals.openedition.org/pontourbe/9857> ; DOI : <https://doi.org/10.4000/pontourbe.9857>

Este documento foi criado de forma automática no dia 30 dezembro 2020.

This work is licensed under a Creative Commons Attribution 4.0 International License.

Espera e imobilidade: agenciamentos cotidianos no espaço pandêmico transnacional¹

Waiting and immobility: daily agencies in the transnational pandemic space

Eugenia Brage

NOTA DO EDITOR

Versão original recebida em / Original Version 09/11/2020

Aceitação / Accepted 10/11/2020

Introdução

- 1 As mudanças provocadas pela pandemia COVID-19 têm impactado fortemente as sociedades, afetando todos os setores sociais, principalmente as populações mais vulneráveis. As/os imigrantes e refugiadas/os têm sido uns dos grupos mais atingidos em muitos países do mundo, sendo que as condições de vulnerabilidade em que muitas/os delas/os já viviam, foram exacerbadas nesses últimos meses.
- 2 No Brasil, particularmente durante os primeiros meses da pandemia algumas questões tornaram-se visíveis em relação a essas populações como a perda de renda e a impossibilidade de acessar o auxílio emergencial de R\$600,00 para aquelas/es imigrantes em situação irregular. Isso reverberou em todos os aspectos da vida dessas pessoas que tiveram que mobilizar diferentes ações para enfrentar a crise. A situação de irregularidade migratória, intensificada pelo fechamento da Polícia Federal, organismo responsável da emissão dos documentos, foi alvo de discussão entre os diferentes movimentos sociais.

- 3 Neste artigo procuro me aproximar das práticas cotidianas desenvolvidas por mulheres bolivianas que moram no Bairro do Bom Retiro, na região central de São Paulo, durante a pandemia. Ao longo dessas páginas apresento algumas reflexões iniciais que se desprendem da minha pesquisa de pós-doutorado onde analiso os itinerários terapêuticos de mulheres bolivianas no bairro do Bom Retiro. Trata-se de uma pesquisa etnográfica multissituada (Marcus, 1998) que tem como referencial empírico uma Unidade Básica de Saúde (UBS), assim como os locais de moradia dessas mulheres e outros âmbitos de socialização conformados a partir das necessidades derivadas da pandemia na procura de cestas básicas, ajuda com o cadastro para o auxílio emergencial entre outras necessidades, âmbitos nos quais tenho participado ativamente².
- 4 Embora cada vez mais se reconheça a importância de estudar tanto a espera (Auyero, 2016; Pecheny e Palumbo, 2017) quanto a imobilidade (Mata Codesal, 2018; Salazar, 2019; Andits, 2020), ainda são poucas as pesquisas antropológicas que exploram etnograficamente essas dimensões (Janeja e Bandak, 2018, Andits, 2020). Como mostram algumas e alguns autores, diante de um paradigma da hipermobilidade (Salazar, 2019) e de discursos produtivistas de tempo, velocidade e eficiência próprios do neoliberalismo (Andits, 2020), o estudo da imobilidade e da espera tornam-se cada vez mais necessários (Salazar e Smart, 2011), caso contrário, ignora-se e invisibiliza-se o fato de que nem todas as pessoas que desejam se mobilizar estão em condição de fazê-lo e que a espera atinge de forma diferencial diferentes pessoas. Como aponta Salazar (2019) enquanto “o migrante como figura é definido discursivamente pela mobilidade” (p. 18), na realidade, muitos imigrantes habitam espaços de confinamento (campos de detenção e deportação, moradias precárias, entre outras). A espera, assim, junto com a imobilidade, constitui dimensões espaço-temporais de grande relevância quando falamos de pessoas imigrantes e refugiadas.
- 5 Pensar essas categorias dentro de uma lógica de agenciamento, parece uma alternativa possível e, ao mesmo tempo, relevante no contexto da pandemia pois abre novos horizontes analíticos e interpretativos para olhar o fenômeno das migrações. Interessante mostrar, nesse sentido, que tanto a espera quanto a imobilidade constituem dimensões espaço-temporais sempre presentes nos processos migratórios e que ambas mobilizaram um conhecimento acumulado nas próprias trajetórias migratórias que chamo aqui de “saber-fazer migrante”. Esse “saber-fazer migrante”, por sua vez, é muitas vezes desconsiderado, tanto nas pesquisas acadêmicas quanto nos meios de comunicação e na esfera pública, onde frequentemente as/os imigrantes são visibilizadas/os apenas como vítimas (Fassin, 2010).
- 6 Inspirada na perspectiva de Veena Das (2006) que permite “pensar no cotidiano como cheio de acontecimentos” (p. 8), neste artigo me proponho, então, descer ao cotidiano das mulheres imigrantes que moram no Bom Retiro, considerando a espera e a imobilidade como formas de agenciamento da vida cotidiana.
- 7 Para tal propósito, a perspectiva de Veena Das resulta enormemente apropriada pois ela permite reconhecer a agência das/os sujeitas/os em seu próprio cotidiano. Para a autora, “a agência humana está situada em um campo de relações de poder e inscrita em contextos estruturantes, mas não sobredeterminados” (Ortega, 2008: 20). Embora ela não negue que as estruturas sociais exercem peso sobre a vida e as subjetividades das pessoas, ela insiste em olhar para as formas em que as “vítimas” agenciam sua vida cotidiana enfrentando o peso que as estruturas impõem sobre elas. Em “Life and

Words” (2006), Das chama atenção sobre as formas como as mulheres indianas que sofreram com o processo de partição da Índia reconstróem o seu cotidiano como estratégia de resistir à violência vivida. Segundo a autora, elas carregam um conhecimento que se manifesta na vida cotidiana e nas relações interpessoais como um saber específico que permite reconstruir as relações e reabitar o mundo. Como aponta Pereira (2010), Das encontra uma forma de lidar com a violência que se distancia dos modelos de resistência heroica e permite olhar para determinados aspectos que não são considerados comumente como “agência”. Assim, o autor observa que noções como paciência e paixão são mais vinculadas à passividade do que à resistência. Nessa mesma direção procuro mostrar que a espera e a imobilidade, que podem ser consideradas, a priori, como dimensões passivas, pelo contrário, elas abrem espaços dinâmicos de transformação de pequenos eventos cotidianos, ancoradas num “saber-fazer imigrante”. Durante a pandemia, então, num momento de imobilidade e espera geral, esse “saber-fazer imigrante” se viu interpelado pelas novas condições e circunstâncias, acionando assim conhecimentos acumulados nas trajetórias migratórias. O “saber-fazer imigrante” em relação às dimensões espaço-temporais de espera e imobilidade também é uma forma de reconstruir as relações e de “reabitar o mundo” (Pereira: 2010, p. 361).

Dimensões materiais e simbólicas das migrações

- 8 Todo processo migratório inclui uma dimensão material (deslocamento territorial) e simbólica (projeções passadas, presentes e futuras). Assim como a fronteira não se refere unicamente a uma divisão física; quando falamos de migração não estamos falando só de um deslocamento geográfico mas de um conjunto de processos e experiências intersubjetivas, individuais e coletivas. Falar de migração em termos materiais, simbólicos e imaginários (Cresswell, 2006; Gutiérrez, 2012; Salazar, 2020) implica reconhecer tanto o movimento físico quanto o não movimento (imobilidade), as expectativas de viagem, os projetos migratórios (inclusive aqueles que não se concretizam), as redes transnacionais onde a mobilidade de unas/os está diretamente vinculada à imobilidade de outras/os e os contextos onde as pessoas desenvolvem a sua vida cotidiana. Segundo Salazar (2020) a imaginação e os imaginários são cruciais para entender as diversas formas da mobilidade humana em todas as dimensões.
- 9 A espera, assim como a imobilidade, são fenômenos pouco estudados nas ciências sociais e, particularmente, na antropologia. Embora não se destaquem nas agendas dos estudos migratórios, existe uma tendência cada vez maior de considerá-las como categorias analíticas relevantes em que a antropologia pode mergulhar (Mata Codesal, 2018, Vindrola Padros, Vindrola Padros e Lee-Crossett, 2020).
- 10 Pecheny e Palumbo (2017), por sua vez, chamam atenção para a necessidade de analisar o caráter social da espera, enquadrada em relações de poder e dominação. Como apontado por Palumbo e Marentes (2017: 9): “Esperar é uma experiência humana tão difundida que muitas vezes a tomamos como garantida e nos rendemos a ela (...)”. A experiência de esperar depende não apenas do espaço social em que ocorre mas também da complexidade do tecido social da vida daqueles que esperam. No caso dxs imigrantes a espera é constitutiva da própria experiência migratória (Mallimaci e Magliano, 2020), pois ela está presente em diferentes momentos da trajetória, desde esperar um documento, até esperar um emprego, uma moradia, um retorno ao lugar de origem, as férias para viajar ou um reencontro familiar.

- 11 De maneira semelhante, os estudos sobre mobilidade vêm chamando cada vez mais atenção sobre a necessidade de estudar a imobilidade (Salazar, 2019). As novas tendências propõem entender a mobilidade como uma lente analítica para o estudo da migração humana, tendo em vista que conseguir ou não se mobilizar geograficamente, são resultados de negociações sociais, culturais, econômicas e políticas (Urry, 2007; Glick-Schiller e Salazar, 2013) nas quais a distribuição desigual de recursos, as possibilidades diferenciais de mobilidade e acesso ao transporte e as restrições impostas pelos sistemas são peças fundamentais a ser consideradas. Por outro lado, essas perspectivas visam entender a mobilidade como parte do capital social e cultural (Kauffman, Bergman e Joyce, 2004; Gutiérrez, 2012) de indivíduos e grupos ao considerar a capacidade material ou imaginária de mobilidade, assim como a não possibilidade de se mobilizar. Ambas como experiências vividas (Adey, 2010) fazem parte de um mesmo fenômeno que deve ser compreendido na sua totalidade (Glick-Schiller e Salazar, 2013).
- 12 Se consideramos que toda trajetória migratória é, fundamentalmente, uma experiência e que, como tal, envolve eventos passados, presentes e futuros que se relacionam a uma vida particular, composta de uma combinação de rupturas e transições, passagens de momentos de perturbação para momentos de harmonia (Bruner, 1986), podemos pensar, então que ela tem um caráter evocativo. Assim, no caso dos imigrantes a pandemia pode ter revivido eventos passados, considerando que, como disse Salazar (2019), a maioria já passou antes por momentos de espera, de imobilidade e de confinamento ao longo das suas trajetórias.

Comunidade transnacional

- 13 A comunidade boliviana destaca-se pelos fortes laços com seu país de origem tanto no plano material (viagens, envio de remessas) quanto no plano imaginável. Alguns trabalhos têm apontado que existe uma tendência a “um movimento circular, com idas e vindas entre São Paulo e a Bolívia, com um franco desejo de um dia voltar para lá” (Aguiar e Mota, 2014: 496). Trata-se de uma comunidade transmigrante caracterizada por múltiplas relações (familiares, econômicas, sociais, organizacionais, religiosas e políticas) que atravessam fronteiras (Glick-Schiller, 2018) onde unas/os e outras/os estão imbrincados numa circulação de pessoas, bens e ideias, cuidados transnacionais em uma permanente vinculação entre o lugar de origem e de destino.
- 14 Segundo alguns autores (Tassi, 2012; Loritz, 2016), a multiatividade constituiu, a principal estratégia econômica das famílias e comunidades andinas, a qual se expande para as comunidades transnacionais. Como apontam Tassi, Hinojosa e Coniviri (2015), as e os bolivianas/os têm consolidado formas de institucionalidade baseadas em seus próprios códigos e lógicas conformando rotas e mercados, nacionais e transnacionais que unem atores, transportadora/es, comerciantes etc., de diferentes cidades da América Latina com o capital transnacional chinês.
- 15 O fluxo de imigrantes do Estado Plurinacional da Bolívia se destaca no cotidiano da metrópole paulista, tanto do ponto de vista espacial, quanto do ponto de vista socioeconômico e cultural (Silva, 2012), sendo este o principal grupo migratório recente em São Paulo. Estes fluxos históricos têm sido caracterizados de longa data sendo que as e os bolivianas/os começaram a chegar na década de 1950. Mas, no início, tratou-se de uma migração qualificada, incentivada pelo intercâmbio cultural. Já nos anos 1980 o

número de imigrantes não só cresceu notavelmente, mas também mudou o perfil, sendo na maioria mão de obra “não qualificada” que migrava para se inserir no mercado têxtil como costureiras/os (Hinojosa, 2016).

- 16 Alguns eventos têm influenciado as formas de organização do trabalho em grandes oficinas para as oficinas familiares (Hinojosa, 2016). Por um lado, a anistia de 2009 permitiu a regularização de todos os imigrantes que estavam em situação irregular no Brasil e que eram considerados “ilegais”, com a implementação do Acordo de Residência para Nacionais dos Estados Partes do Mercosul. Por outro lado, e anos mais tarde, no plano legislativo, a Lei Nacional de Imigração Nº 13.445 (2017) possibilitou grandes mudanças para essas populações, principalmente para imigrantes de países do Mercosul e Mercosul Ampliado (Baeninger, 2018)³. No município de São Paulo destaca-se a Política Municipal para População Imigrante (PMPI, 2016) que, junto com a criação do Conselho Municipal de Imigrantes, tornaram o caso de São Paulo paradigmático em matéria migratória, sendo considerado uma referência para todo o Brasil ⁴.
- 17 Ainda hoje a inserção no mercado de trabalho em São Paulo se dá, frequentemente, através das oficinas de costura ou oficinas de confecção (Silva, 1999; Souchaud, 2012, Freitas, 2014). Alguns estudos mostram que antigamente muitas/os delas/es chegavam ao Brasil como vítimas de redes de tráfico de pessoas e ainda hoje existem casos de exploração das/os imigrantes (Suzuky, 2016)⁵. Porém, muitas críticas foram feitas em relação a essas associações pois considera-se que no Brasil existe uma tendência à homogeneização das/os bolivianas/os, muitas vezes associadas/os a essas condições de trabalho (Vidal, 2012). Se, por um lado, como sugere esta última autora, a metáfora do trabalho escravo “contribui ao processo de essencialização que nega a capacidade de ação autônoma” (p. 101), por outro, conduz ao apagamento da complexidade dos modos de organização da vida cotidiana e do conhecimento acumulado na atividade produtiva e econômica local desses grupos (Gago, 2014; Tassi, Hinojosa, Coniviri, 2015; Hinojosa, 2016, Rivera Cusicanqui, 2018).
- 18 Nesse sentido, Hinojosa (2016) aponta que a utilização do termo escravo no (?) permite (nos permite ou não permite?) analisar adequadamente as relações de trabalho entre as/os imigrantes e sugere “partir de outros pontos de vista, com outras ferramentas conceituais, abordar a situação como processos complexos e mutantes, evitando reduzi-los ao campo da simplificação e do preconceito” (p. 103). A socióloga boliviana Silvia Rivera Cusicanqui (2018) também se mostra enfaticamente crítica a estas perspectivas que chama de “pretensões missionárias” (p. 69) que associam as condições de trabalho nas oficinas ao “trabalho escravo”. Embora ela reconheça que existem formas de “reciprocidade perversa”, ela aponta que é preciso entender essas dinâmicas dentro das próprias lógicas, do mundo “ch’ixi” (p.16). O “chi’xi” ou “abigarrado” ⁶, manchado, pintado, representa uma harmônica contradição, entre o indígena e o branco nas sociedades latino-americanas, onde os opostos coexistem sem se misturar, contrária à noção de mestiçagem, que nega o indígena.
- 19 Numa pesquisa com jovens bolivianas/os, Freitas (2014) identificou nas narrativas das e dos bolivianas/os, redes de contratação, que financiam a migração, a alimentação e a moradia na cidade de destino. Essas redes se baseiam numa *reciprocidade diferida* que é enunciada pelas/os próprias/os bolivianas/os como um “derecho de piso” o que, segundo Rivera Cusicanqui (2011), é equivalente a uma etapa que a maioria das/os jovens têm que atravessar: “El joven siempre es pobre. Salvo que sea heredero de una

fortuna o que disponga de rentas que no han surgido de su trabajo. El joven cuando empieza a caminar por la vida tiene que comenzar por abajo” (p. 19).

- 20 Baseado na perspectiva de Rivera Cusicanqui, Arteaga (2017) analisa como as lógicas *chi'xi* surgem no contexto da imigração e sugere que as/os bolivianas/os que moram no Brasil: “tentam manter suas formas anteriores de organização social e autonomia econômica, ao mesmo tempo que elas se articulam às novas experiências” (p. 47).
- 21 No livro “La razón neoliberal” (2015), Verónica Gago mostra a importância de entender as características “abigarradas” dessas comunidades e aponta que no caso da imigração boliviana, também migra e se reformula um “capital comunitário” caracterizado pela sua ambiguidade. Essa ambiguidade combina, segundo a autora, autogestão, mobilização e insubordinação com formas de servidão, submissão e exploração. Isso tem a ver com que nessas comunidades o neoliberalismo instala-se desde abaixo.
- 22 Em síntese, como disse Gago, entender as formas de organização social desses grupos requer de uma epistemologia apropriada, fronteiriça, em palavras de Anzaldúa (2007 em Gago, 2015) que seja capaz de capturar a complexidade do mundo andino, o qual definitivamente não pode ser aprendido a partir de epistemologias essencialmente branco-europeias, uma vez que elas desconhecem as formas de organização da vida dessas comunidades transnacionais. Nesse sentido, é preciso entender as formas de organização social considerando o conjunto de atividades múltiplas e coletivas que estão entrelaçados em uma ampla rede de reciprocidade, ajuda mútua e intercâmbio econômico, combinadas, ao mesmo tempo com lógicas neoliberais que surgem de baixo para cima (Gago, 2015).
- 23 Dito isso, para avançar na descida ao cotidiano, vale apontar que hoje muitas/os das/os bolivianas/os que moram no Bom Retiro são donas/os das oficinas e das máquinas. Muitas/os residem no mesmo local em que trabalham o que constitui um tipo particular de organização social, na qual moradia e trabalho não são esferas separadas.

O cotidiano no Bom Retiro

- 24 No Bom Retiro existe uma grande comunidade de imigrantes bolivianas/os. Como imigrante argentina no Brasil, estar no Bom Retiro me faz sentir mais perto de casa pois a paisagem se assemelha mais ao meu país. É difícil estabelecer associações entre as comunidades bolivianas em ambos os países pois elas representam formas de inserção social muito diferentes, embora, como já foi dito, elas/es estejam vinculadas/os numa ampla rede transnacional. Nas conversas com as mulheres, as relações entre ambos os países foram frequentemente narradas: “mis primas están en Argentina”⁷, “no me fue bien en Argentina”, “pensé en quedarme pero el dinero allá no es bueno”.
- 25 Existem algumas pesquisas feitas no Bom Retiro, e recentemente muitas/os têm chamado atenção para a necessidade de estudar o que acontece em outras regiões onde as/os bolivianas/os moram, além da região central. Porém, muitas das dinâmicas cotidianas desse grupo migratório no bairro de Bom Retiro permanecem ainda inexploradas desde uma perspectiva crítica que permita acessar e apontar questões fundamentais dessa comunidade transnacional. Sobretudo considerando que esses espaços transnacionais de longa data constituem peças-chave nas dinâmicas migratórias. Além disso, considero que essas perspectivas tendem também a reproduzir uma ideia homogeneizadora das/os bolivianas/os que moram no Bom Retiro. As visitas

que tenho feito, assim como as pessoas com quem tenho interagido nesses meses, me permitem dizer que ainda se tratando majoritariamente de um grupo assentado de longa data, as experiências de vida são muito diversas e observam-se, também, migrações recentes.

- 26 Contudo, existem algumas características do grupo mais amplo de moradores do Bom Retiro como o uso dos equipamentos públicos e o conhecimento, sobre a base de um saber adquirido, das burocracias estatais. A grande maioria fala português e todas as crianças estão inseridas nas CEIs, EMEIs e escolas da rede pública. Além disso, as crianças frequentam (antes da pandemia) cotidianamente os centros de recreação, sendo esses espaços fundamentais para a integração social.
- 27 As e os moradores de Bom Retiro mantêm estreitas redes no espaço transnacional, sendo, ademais, referência importante para as/os imigrantes que chegam ao Brasil. Em muitos casos, elas/es são a garantia de um ingresso familiar através do envio de remessas para a Bolívia.
- 28 Embora hoje os fluxos de imigrantes bolivianas/os se dirijam para outras regiões, ainda se observam no Bom Retiro migrações recentes e mobilidades internas, como o caso de Beti⁸ e Solange, duas irmãs que chegaram no Brasil há um ano para morar no bairro de Mooca, junto ao irmão delas. Recentemente elas se mudaram para o Bom Retiro para trabalhar em uma oficina de costura, a qual teve a oportunidade de conhecer.
- 29 “Esta casa sí que está impecable, dentro, ni una gota de agua en el baño, nada, todo limpio, el piso, reluciente”, comentou Sonia, a agente comunitária de saúde (ACS), enquanto aguardávamos que alguém abrisse a porta.
- 30 Sonia é a minha informante principal. Também boliviana, ela representa uma peça-chave para o acesso à atenção básica dessas populações. Junto a ela, vou descendo no cotidiano dessas pessoas, entrando nos cortiços e casas onde moram, conversando sobre questões do dia a dia, sobre as experiências passadas, as angústias presentes e as projeções futuras.
- 31 “Tienen que hacer el cadastro [na UBS], porque recién se mudaron”, me disse Sonia. Ela pede para as duas irmãs trazerem os documentos e as carteiras de vacina das crianças. Se antigamente muitas/os imigrantes bolivianas/os não tinham seus documentos, pois eles eram retirados no processo migratório pelos donas/os das oficinas em forma de ameaça, hoje a situação é completamente diferente. Beti e Solange tinham todos os documentos (carteira de registro nacional migratório (CRNM), carteira de vacina das crianças, cartão SUS etc.), atualizados, organizados e guardados dentro de uma sacolinha de plástico. Chamou-me atenção que, em menos de um ano morando no Brasil, elas duas já tinham um conhecimento muito amplo, tanto da língua quanto dos seus direitos. Percebi isso pois uma delas perguntou para Sonia onde ela tinha que ir para ser atendida por um odontologista.
- 32 Beti e Solange convivem na oficina com mais quatro famílias. Cada uma tem o próprio espaço e a casa possui um salão comum onde estão as máquinas de costura. Durante a pandemia, embora as atividades tenham diminuído, dentro de casa se mantém uma organização das tarefas cotidianas. Assim, as funções são divididas entre quem cozinha, quem cuida das crianças e os horários de trabalho.
- 33 Nas visitas feitas, chamou atenção a ausência masculina nos locais de moradia, seja porque trata-se de mulheres chefe de família quanto porque alguns homens trabalham fora de casa. Nas visitas que tenho feito, não encontrei homens, mas sim mulheres e

crianças. Destaca-se, também, a forte interação entre famílias bolivianas e paraguaias nos cortiços.

Cotidianidades pandêmicas: Práticas e saberes migrantes em momentos de “suspensão”

- 34 Maria espera notícias da sua irmã, que mora no Cambuci: “hace un mes que no sé de ella, no sé, tal vez le han robado su celular o se ha quedado sin datos (...) pensé en irme hasta allá [Cambuci] pero, como voy a hacer si tengo que tomarme el metro y con él [filho]... yo no puedo enfermarme, que vá a ser de él si yo me enfermo?”.
- 35 Maria precisa falar com a irmã para comunicar-lhe uma “mala noticia”: O pai de oitenta anos que mora em Oruro, Bolívia está doente: “está com uma sonda y no puede hacer pis. Le dicen a mi hermana [a outra irmã que mora na Bolívia] que lo lleve allá [hospital que atende a pessoas com covid-19] donde están todos los infectados pero ahí no lo van a atender porque no tiene síntomas. Él no tiene covid, solo tiene la sonda tapada y allí nadie ha querido atenderle (...) está en la casa y con calmantes porque no puede hacer pis. (...) Está bloqueado el camino no se puede salir [de Oruro], ni para llevarle a otro lugar”.
- 36 Maria é uma mulher boliviana, nascida em Oruro. Ela e seu filho de cinco anos moram no bairro do Bom Retiro há quinze anos. Igual a muitas/os bolivianas/os, Maria conseguiu regularizar seus documentos com a anistia de 2009. Assim como seus compatriotas ela faz amplo uso de equipamentos públicos e, como muitas outras mulheres chefes de família, recebe Bolsa Família. Por isso, durante a pandemia ela recebeu o auxílio emergencial sem necessidade de fazer um cadastro.
- 37 O cômodo onde Maria e seu filho moram fica dentro de um cortiço onde vivem outras famílias bolivianas e uma família paraguaia. O pequeno cômodo tem uma cama de casal, uma televisão, um fogão e uma máquina de costura. Maria disse que antes da pandemia ela passava o dia todo sentada costurando mas agora ela ficou praticamente “parada”. Além disso, a rotina tem mudado significativamente pois o filho dela passava o dia todo ocupado. Pela manhã ele ia para a escola e a tarde para o centro recreativo do bairro, como a maioria das crianças bolivianas ou filhas/os de bolivianas/os. Agora Maria tem que lidar sozinha com as demandas de cuidado, sem nenhum tipo de revezamento.
- 38 Maria atravessa um momento de imobilidade e de espera, simultaneamente. Ela não pode viajar para a Bolívia. Talvez, mesmo sem a situação de pandemia ela não conseguiria pagar a passagem mas, no imaginário dela a possibilidade existiria. Ao mesmo tempo, ela não tem dinheiro para enviar para a Bolívia, a própria Sonia ao sair da casa dela me disse: “ela sim que só costura para sobreviver, te puedo asegurar que nada sobra para ella porque 450, 500 reales de alquiler que paga, más los servicios, y ahora sin costurar, nada sobra”.
- 39 Hoje, na pandemia, “nada sobra” para ninguém; pelo contrário, falta tudo. Por conta disso, várias famílias têm procurado cestas básicas por meio dos movimentos sociais que atuam no bairro. Muitas das famílias também se ajudam entre elas, como observa-se na narrativa da Margarita:

“A mi por suerte no me falta nada, porque tengo comida y recibo la cesta básica pero conozco mucha gente que no tiene ni para comer y divido... divido la cesta porque no puedo ver que otros sufren (...)”

- 40 Margarita também é de Oruro, Bolívia. Igual a Maria, é mãe solteira e mora há quinze anos no Brasil. Ela também atravessa um momento de espera e de imobilidade:

- ¿hay gente que ha vuelto para Bolivia?
 - sí, mucha gente que se vuelve... no es que la situación esté mejor, Bolivia está muy muy mal, ni hospitales hay, todos mis hermanos y mi mamá se han agarrado covid y todos allá se curaron con remedios caseros, porque no hay hospital, ni aunque tengas plata, no te atienden, entonces allá la gente se cura con remedios caseros
 - ¿vos pensaste en volver?
 - Pensé, si, he pensado en retornar pero yo allá no tengo... tengo la casa de mi mamá pero mis siete hermanos viven ahí... yo creo que es mejor que yo me quede acá porque allá, nada tenemos, mis hermanos son todos pobres. Y acá por lo menos yo puedo mandar algo. Ahora no, pero en otros momentos. Yo se como es, yo toda la vida he aportado, desde mis ocho años que yo llevo dinero a mi casa... entonces yo sé como es, es mejor que yo me quede acá”.

- 41 Como diz Salazar (2019) “a mobilidade de alguns tem consequências ou corresponde à imobilidade de outros. Mesmo aqueles que não se movem são afetados por movimentos de pessoas dentro ou fora de suas comunidades e pelas mudanças resultantes” (p. 17). A narrativa de Margarita permite ilustrar essa relação pois ao postergar o seu desejo de retorno, ela faz com que outras/os integrantes da sua família possam permanecer. Mas, nessa espera, ela continua projetando e imaginando um retorno, embora as possibilidades não existam. O “saber fazer imigrante” não só se manifesta na capacidade de esperar mas, também, na forma de fazê-lo.

- 42 Embora a situação da pandemia seja nova, na sua narrativa aparecem outros eventos e ela evoca um passado difícil relacionado à própria trajetória migratória:

“A mi me trajo otra señora, ella ya estaba acá [amiga]. Siete meses estuve encerrada y nunca me pagaron! No me dejaban salir, me decían que me iban a deportar. En dólares me habían dicho que me iban a pagar, hasta que solita me salí. Un domingo me lleva la señora a la feria y yo ahí aproveché ya me tenía todo anotado [o telefone da amiga] y me dejó ahí con las bolsas y ahí nomás le llamé a mi amiga y ella me fue a buscar”.

- 43 Essa foi só uma das tantas situações pelas quais Margarita passou ao longo da sua trajetória migratória. Como ela bem disse: “Ya pasé por tantas cosas difíciles que esta la voy a pasar. Es difícil porque estoy sola con ellos [filhos], pero la voy a pasar”.

- 44 O “saber-fazer imigrante” aciona mobilizando redes, comunidades transnacionais, mas também, esperando. Os breves relatos trazidos permitem entender a migração no sentido material e imaginável, através da Margarita, que imagina um retorno, mas não irá concretizá-lo ou através de Maria que, embora não tenho pensado em retornar dessa vez, se vê impedida de fazê-lo. Para ela a imobilidade manifesta-se no cotidiano, pois como disse, ela não pode se deslocar do Bom Retiro até Cambuci pois para isso teria que entrar no metrô correndo o risco de se contaminar. Para Maria, certamente, a imobilidade faz parte de um agenciamento cotidiano; através da imobilidade ela

preserva a saúde dela e do seu filho. Além de esperar, o que outra coisa pode ela fazer? Esperar e não se mobilizar são, assim, formas de cuidado.

- 45 Frequentemente, quando se fala de imobilidade, espera ou suspensão imagina-se passividade, como se tudo estivesse paralisado, associado a um “modelo de paciente” (Auyero, 2013, p. 187). Porém, no cotidiano que acompanhei esses meses da pandemia, observei muito dinamismo, organização, mobilização de saberes e práticas, tudo o que permite entender que a organização da vida cotidiana, baseada em laços coletivos, comunitários e transnacionais, tem permitido enfrentar os desafios da pandemia, assim como em outros momentos de crise. Observa-se nas narrativas dessas mulheres a importância das redes familiares, comunitárias e transnacionais no cotidiano migratório.
- 46 Ao falar do seu filho de 11 anos, Margarita me conta que ele passou por momentos difíceis, ele estava muito deprimido pois, como o filho da Maria, ele ia todo dia para a escola e para o centro recreativo. A falta de interação e a própria imobilidade que se vive durante a pandemia têm impactado fortemente na criança. A família da Bolívia, então, além de falar com ele pelo telefone, tem indicado diferentes chás com ervas para a criança que, segundo a mãe, agora está muito melhor. Ela atribuiu a melhora às indicações da família. A família transnacional é fundamental para essa criança, embora ele nunca tenha morado na Bolívia, assim como para Margarita, o contato cotidiano com a sua família materna representa um apoio emocional.
- 47 Para quem é imigrante, esperar e passar por momentos de imobilidade, assim como também de confinamento, são experiências frequentes. Colocar ênfase nessas dimensões comumente ignoradas, permite entender que a pandemia, além de ter gerado uma perda da renda, um aumento da pobreza e das atividades de cuidado, ela tem impactado fortemente no imaginário migratório. O estado de “suspensão” fez com que essas pessoas tenham que agenciar um saber-fazer imigrante numa nova cotidianidade, “dar um jeito”, para fazer o mundo cotidiano mais habitável, nas palavras de Das. Perspectivas como a de Veena Das permitem olhar para os sujeitos como agentes políticos, a descida ao cotidiano pandêmico permitiu olhar para os acontecimentos que para muitas/os podem passar despercebidos. Porém, como bem nos ensinou De Certeau (1996), as táticas do cotidiano são uma arte de fazer a vida acontecer. Podemos olhar para essas táticas de diferentes formas. O caminho escolhido nesse texto -e na minha pesquisa mais ampla-, segue a via do entendimento das microformas de agenciar a vida nos contextos particulares. No caso das mulheres bolivianas que moram no Bom Retiro, considerei a espera e a imobilidade práticas ativas dentro de um “saber-fazer” que inclui reflexão, adaptação e, fundamentalmente, resistência.

Palavras finais

- 48 Neste artigo procurei me aproximar da espera e da imobilidade, que se tornaram grandes questões da vida cotidiana pandêmica. Além de analisar essas dimensões sempre presentes nos processos migratórios, embora que pouco exploradas nas pesquisas socioantropológicas sobre migrações, procurei, por um lado, mostrar que as práticas desenvolvidas durante a pandemia se articulam a formas preexistentes de organização e de resolução de conflitos diante de situações de emergência e, por outro,

que essas dimensões se articulam a um saber específico baseado nas próprias trajetórias migratórias.

- 49 Nesse breve artigo tentei mostrar que nem a espera nem a imobilidade são dimensões passivas. Pelo contrário, muitas coisas acontecem nesses estados e mobilizam-se saberes que mostram o enorme potencial desses grupos no agenciamento da vida cotidiana.

BIBLIOGRAFIA

ADEY, Peter. *Mobility*. London: Routledge, 2010.

AGUIAR Marcia Ernani, MOTA Andre. O Programa Saúde da Família no bairro do Bom Retiro, SP, Brasil: a comunicação entre bolivianos e trabalhadores de saúde. *Interface Comunicação Saúde Educação* 2014; 18(50):493-506. 2014

ANDITS, Petra, Waiting during the time of COVID-19. *Soc Anthropol*, 28: 220-221. doi: 10.1111/1469-8676.12871, 2020

ARTEAGA SCHWARTZBERG, Ismael Eduardo. *Lógicas Ch'ixi de la migración boliviana en São Paulo – Brasil* [Tesis de doutorado], Escola das Artes, Ciências e Humanidades, Universidade de São Paulo, 2017

AUYERO, Javier *Pacientes del Estado*. Buenos Aires: Eudeba, 2013

BAENINGER Rosana. O Brasil na rota das migrações latino-americanas. Em: *Imigração Boliviana no Brasil / Rosana Baeninger (Org.)*. – Campinas: Núcleo de Estudos de População-Nepo/Unicamp; Fapesp; CNPq; Unfpa, 2012.

BAENINGER Rosana et al (Organizadores.). *Migrações Sul-Sul /– Campinas, SP: Núcleo de Estudos de População “Elza Berquó” – Nepo/Unicamp, 2018 (2a edição).*

BRAGE, Eugenia, Living in “limbo”: Immobility and uncertainty in childhood cancer medical care in Argentina in: *Immobility and Medicine: Exploring Stillness, Waiting and the In-Between*. Ed: Vindrola Padros, C; Vindrola Padros, B and Lee-Crosset, K. Palgrave Macmillan. Springer Nature Singapore, 2020

DAS, Veena, *Life and Words Violence and the Descent into the Ordinary*. Berkeley: University of California Press, 2006

DE CERTEAU, Michele *A invenção do cotidiano : artes de fazer*. 2. Ed. Petrópolis: Vozes. (1996)

FASSIN, Didier. *La Razón Humanitaria*. Buenos Aires: Prometeo, 2016.

GAGO, Verónica. *La razón neoliberal*. Economías barrocas y pragmática popular. Buenos Aires, Tinta Limón, 2015.

FREITAS, Patrícia Tavares de., *Família e inserção laboral de jovens migrantes na indústria de confecção*. REMHU - Rev. Interdiscipl. Mobil. Hum., Brasília, Ano XXII, n. 42, p. 231-246, 2014

GLICK SCHILLER, Nina e SALAZAR, Noel. “Regimes of Mobility across the Globe.” *Journal of Ethnic and Migration Studies* 39(2): 183–200. 2013

- GLICK SCHILLER, Nina, BASCH, Linda e SZANTON BLANC, Cristina. De imigrante a transmigrante: teorizando a migração transnacional. *Cadernos CERU*, 30(1), 349-394, 2019
- GUTIÉRREZ, Andrea, ¿Qué es la movilidad? Elementos para (re) construir las definiciones básicas del campo del transporte. *Bitácora* 21 (2) :61-74. Universidad Nacional de Colombia, Bogotá, 2012
- HINOJOSA, Alfonso, Migración fronteriza bolivianxs en talleres textiles de Buenos Aires y São Paulo. *Cadernos Prolam/USP* 15 (28): pp. 97-107, 2016
- JANEJA, Margaret K. e BANDAK, Andreas (eds.), *Ethnographies of waiting: doubt, hope and uncertainty*. London: Bloomsbury, 2018
- JIMÉNEZ ZAMORA, Elizabeth, La economía del cuidado en Bolivia, Cuaderno de Trabajo No. 15. Ed: Red boliviana de Mujeres Transformando la Economía CPMGA, El Alto, La Paz, Bolivia
- KAUFMANN, Vincent., BERGMAN, Manfred Max e JOYCE, Dominique, “Motility: Mobility as Capital.” *International Journal of Urban and Regional Research* 28(4): 745–756, 2004
- MALLIMACI Barral Ana Inés y MAGLIANO, María José, Esperas y cuidados. Reflexiones en torno a la gestión del tiempo de mujeres migrantes en dos espacios urbanos de Argentina REMHU, Brasília, 2020
- MARCUS, George, “Ethnography in/of the World System: the Emergence of MultiSited Ethnography”, en: *Ethnography Through Thick and Thin*. Princeton, University Press, pp. 79-104, 1998
- MATA-CODESAL, D. Is it simpler to leave or to stay put? Desired immobility in a Mexican village. *Popul Space Place*. 24:e2127, 2018
- ORTEGA, F. A. (Ed.). Veena Das: sujetos del dolor, agentes de dignidad. Bogotá: Universidad Nacional de Colombia. Instituto Pensar, 2008.
- PALUMBO, Mariana e MARENTES, Maximiliano, “Esperá, no te saltes este prefacio! En: *Esperar y hacer esperar*. Escenas y experiencias en salud, dinero y amor Buenos Aires: Teseopress, PECHENY, Mario y PALUMBO, Mariana (comps.), 2017
- PECHENY, Mario y PALUMBO, Mariana (comps.) (2017) *Esperar y hacer esperar*. Escenas y experiencias en salud, dinero y amor Buenos Aires: Teseopress
- PEREIRA, Pedro Paulo Gomes. Violência, gênero e cotidiano: o trabalho de Veena Das. *Cad. Pagu*, Campinas, n. 35, p. 357-369, Dec. 2010
- RIVERA CUSICANQUI, Silvia. Ch'ixinakax utxiwa. Una reflexión sobre practicas y pensamientos descolonizadores. Buenos Aires, Tinta Limón, 2010.
- RIVERA CUSICANQUI, Silvia. *Un mundo ch'ixi es posible. Ensayos desde un presente en crisis*, 1a ed. - Ciudad Autonoma de Buenos Aires: Tinta Limón, 2018
- RIVERA CUSICANQUI, Silvia et al. *De chuequistas y overlockas – una discusión en torno a los talleres textiles*, Tinta Limón, 2011
- SALAZAR, Noel. B. On imagination and imaginaries, mobility and immobility: Seeing the forest for the trees. *Culture & Psychology*, 2020
- SALAZAR, Noel e SMART, Alan. Anthropological Takes on (Im) Mobility, Identities, 18:6, i-ix, DOI: 10.1080/1070289X.2012.683674, 2011
- SAMPAIO, Cyntia e BARALDI, Camila. “Políticas migratorias em nível local: análise sobre a institucionalização da política municipal para a população imigrante de São Paulo”, *Documentos de*

Projetos (LC/TS.2019/16/Rev.1), Santiago, Comissão Econômica para a América Latina e o Caribe (CEPAL), 2019.

SILVA, Sidney Antonio da, Estigma e mobilidade: o imigrante boliviano nas confecções de São Paulo. *Revista Brasileira de Estudos de População – REBEP*, n.1/2, v.16, jan./dez, 1999

SOUCHAUD, Sylvain, A confecção: nicho étnico ou nicho econômico para a imigração latino-americana em São Paulo em: *Imigração Boliviana no Brasil* / Rosana Baeninger (Org.). – Campinas: Núcleo de Estudos de População-Nepo/Unicamp; Fapesp; CNPq; Unfpa, 2012.

SUZUKY, Natalia Sayuri, Bolivianos em cortiços? Onde e como vivem os imigrantes submetidos ao trabalho escravo na cidade de São Paulo. Em: *Discussões Contemporâneas sobre Trabalho Escravo: Teoria e Pesquisa*. Ricardo Rezende Figueira, Adonia Antunes Prado, Edna Maria Galvão [Ed], MAUAD Editora, 2016

TASSI, Nico, HINOJOSA, Alfonso e CONIVIRI, Richard. "Economía Popular en Bolivia. Tres Miradas" La Paz : CIS, Centro de Investigaciones Sociales : Vicepresidencia del Estado Plurinacional de Bolivia, 2015. 296 p.

TUBINI, Moreira de Souza, Juliana. *Política Municipal para a População Imigrante de São Paulo : desafios da transversalidade*. - 2019.

TURNER, Victor e BRUNER, Edward, *The anthropology of experience*, University of Illinois Press, 1986

SALAZAR, Noel. B. Mobility. *REMHU: Revista Interdisciplinar da Mobilidade Humana*, 27(57), 13–24. 2019.

URRY, John. *Mobilities*. Cambridge : Polity Press, 2007

VIDAL, Dominique, Convivência, alteridade e identificações. Brasileiros e bolivianos nos bairros centrais de São Paulo. Em: *Imigração Boliviana no Brasil* / Rosana Baeninger (Org.). – Campinas: Núcleo de Estudos de População-Nepo/Unicamp; Fapesp; CNPq; Unfpa, 2012.

VINDROLA PADROS, Cecilia, VINDROLA PADROS, Bruno e LEE-CROSSETT, Kyle (Ed.) *Immobility and Medicine. Exploring Stillness, Waiting and the In-Between*. Palgrave Macmillan, Springer Nature Singapore, 2020

NOTAS

1. Pesquisa financiada pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo através de uma bolsa de pós-doutorado (processo nº : 2019/13.439-7), Centro de Estudos da Metrópole (Cepid/FAPESP, processo nº 13/07616-7)

2. Vale esclarecer que, como parte das medidas preventivas, as minhas observações foram feitas apenas acompanhando o trabalho de uma agente comunitária de saúde, sem ingressar nos locais de moradia e mantendo sempre o distanciamento e o uso de máscara.

3. A lei teve como objetivo adequar a questão migratória à Constituição Federal de 1988, num contexto de diálogo com a sociedade civil e com atores referentes na questão migratória (Sampaio e Baraldi, 2019). Essa Lei, que é resultado de muitos anos de luta dos movimentos sociais de imigrantes, representou uma mudança de paradigma pois substituiu o antigo “Estatuto do Estrangeiro”, baseado em uma lógica de segurança que se mantinha vigente desde a última ditadura militar. A Lei estabeleceu que migrar é um direito humano, sendo o acolhimento humanitário uma das questões que a lei promove.

4. Essa política está baseada na intersectorialidade e na transversalidade (Tubini, 2019) o que significa que a questão migratória deve atravessar de maneira transversal todas as outras políticas, garantindo o acesso de todos os imigrantes a todos os serviços públicos, assim como os cidadãos brasileiros.
 5. No Brasil, a denominação de trabalho escravo enquadra-se no artigo 149 do Código Penal que define o trabalho análogo ao de escravo.
 6. “En Oruro, Potosí y otras ciudades mineras de población qhichwa hablante, al mecánico o tornero que se ocupa del mantenimiento de la maquinaria se le apoda *ch'iqchi* (gris manchado) (Cusicanqui, 2018: 69).
 7. Entre nós, imigrantes latino-americanas/os hispano-falantes no Brasil, é comum misturarmos nossa língua materna com o português. Por isso, nesse artigo, respeitei esses usos da linguagem.
 8. Para preservar a identidade das minhas interlocutoras, todos os nomes utilizados nesse artigo são fictícios
-

RESUMOS

Neste artigo analiso as práticas cotidianas desenvolvidas por mulheres bolivianas que moram no bairro do Bom Retiro, na região central de São Paulo, durante a pandemia. Apresento algumas reflexões iniciais derivadas de uma pesquisa etnográfica onde analiso os itinerários terapêuticos dessas mulheres em uma Unidade Básica de Saúde localizada neste bairro. O objetivo do artigo é mostrar que tanto a espera quanto a imobilidade são dimensões sempre presentes nos processos migratórios e que elas envolvem e mobilizam saberes acumulados nas trajetórias migratórias. A “descida ao cotidiano” das mulheres imigrantes residentes no Bom Retiro me permite analisar a espera e a imobilidade como formas de agência da vida cotidiana.

In this article I analyze daily practices developed by Bolivian women who live in the Bom Retiro neighborhood, in the central region of São Paulo, during the pandemic. I present some initial reflections derived from an ethnographic research where I analyze the therapeutic itineraries of these women in a Basic Health Unit located in this neighborhood. The objective of the article is to show that both waiting and immobility are always present dimensions in migratory processes and that both involve and mobilize accumulated knowledge in migratory trajectories. The “descent into daily life” of immigrant women living in Bom Retiro allows me to analyze waiting and immobility as forms of agency in daily life.

ÍNDICE

Keywords: wait, immobility, immigration

Palavras-chave: espera, imobilidade, imigração

AUTOR

EUGENIA BRAGE

Doutora em Antropologia Social pela Universidade de Buenos Aires. Pós-doutoranda na Universidade de São Paulo. Pesquisadora no Centro de Estudos da Metrópole (CEM, Cepid/FAPESP) USP, CEBRAP

E-mail: eugebrage@gmail.com

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0297-105X>